



IDENTIDADE SOCIOCULTURAL DO PLANALTO NORTE CATARINENSE¹: UMA REALIDADE (IN)VISÍVEL²

Maria Luiza Milani³

Resumo: A reflexão refere-se à realidade identitária (in)visível do Planalto Norte Catarinense, decorrente de seu desenvolvimento sócio-histórico. O tema emerge das produções acerca dessa parte do Estado, que questiona os traços da/na identidade sociocultural do Planalto Norte Catarinense, se são originados da sua colonização ou do movimento do Contestado? Para o desenvolvimento da reflexão, recorre-se a bibliografias de autores locais-regionais, bem como, aos conhecimentos e pesquisas recolhidos em 14 anos de observações sobre esse território. Entende-se que uma cultura caracterizada pelas contradições construídas historicamente, a presença da igualdade e da diferença, do destaque a um viés hegemônico da produção e do desenvolvimento econômico, não acarreta isolamento de grupos, mas os faz diferentes quando há outros elementos culturais inseridos na sua cultura. Para se conhecer uma realidade e nela sua identidade, a qual ao mesmo tempo mantém e transforma seu sentimento de pertencimento, é preciso desvelar os interferentes provenientes das miscigenações (étnica, religiosa, filosófica e ideológica) que dão um traço plural à identidade. Por isso, na identidade do Contestado é mais evidente os traços do processo de colonização que antecede à guerra do Contestado.

Palavras-chave: Identidade sociocultural; Contestado.

INTRODUÇÃO

A reflexão refere-se à realidade identitária (in)visível do Planalto Norte Catarinense, decorrente de seu desenvolvimento sócio-histórico. O tema emerge das produções acerca dessa parte do estado catarinense, que apresentam aspectos determinantes da formação sócio-histórica, econômica e cultural do território.

A questão central desta reflexão indaga se os traços mais marcantes na identidade sociocultural do Planalto Norte Catarinense são provenientes da colonização ou do

¹ Recorte territorial composto pelos municípios de: Canoinhas, Papanduva, Itaiópolis, Monte Castelo, Major Vieira, Três Barras, Bela Vista do Toldo, Irineópolis, Porto União, Mafra e Rio Negrinho. Esta demarcação é uma entre as diversas de se referenciar parte do estado de Santa Catarina. Este território é um recorte da Região do Contestado, no qual ocorreu o movimento do Contestado entre os anos de 1911 a 1916. Recentemente, a organização político-administrativa do Estado, atribuiu outras duas referências territoriais que abrangem ora uma parte ora outra parte destes municípios: Associação dos Municípios do Planalto Norte (AMPLANORTE); 25ª e 26ª Secretarias de Estado de Desenvolvimento Regional (SDR) de Mafra e de Canoinhas. Em 2009, é instalado o Território da Cidadania, Programa do Governo Federal de combate à pobreza e de promoção do seu desenvolvimento.

² Publicado originalmente em: MILANI, Maria Luiza. "Identidade sociocultural do planalto norte catarinense: uma realidade (in)visível". In: MILANI, Maria Luiza; NECKEL, Nádia Regina Maffi (Orgs.). Cultura: faces do desenvolvimento. Blumenau: Nova Letra, 2010, v. 01, p. 233-241

³ Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora e coordenadora do programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade do Contestado (UnC/SC). Email: mestrado@cni.unc.br.



movimento do Contestado? Para seu desenvolvimento, levantam-se hipóteses a partir de aspectos tais como: colonização do território (imigrantes europeus e orientais, migrantes do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo); movimento do Contestado; um terceiro aspecto refere-se às riquezas naturais que estimularam a colonização do Planalto Norte Catarinense⁴.

Os estudos sobre o Planalto Norte Catarinense vêm dando conta desses aspectos e da relação entre eles. No entanto, na sua identidade, o que é mais forte: o espírito manifestador, contestador, religioso e místico, que influenciou o movimento messiânico, ou o espírito desbravador, explorador, dominador, trabalhador, acumulador do (i)migrante, que enxergou nesse ambiente riqueza potencial para que lhes garantisse a sobrevivência e acumulação capital. Hábitos atuais, como catolicismo, festas, chimarrão, levam a presumir que, neste território, há presença de uma cultura mestiça. Praticam-se valores dos (i)migrantes e se identificam valores adquiridos em sua nova realidade social.

Por isso, esta reflexão tem como objetivo colocar em questão os elementos da identidade do território do Planalto Norte Catarinense. Para o seu desenvolvimento, recorre-se a bibliografias de autores locais-regionais, bem como, outros que fundamentam 14 anos de observações sobre este território. Espera-se, como resultado, despertar para os aspectos predominantes da realidade (in)visível que referencia esta identidade.

REALIDADE VISÍVEL

A noção de coletividade do homem e as necessidades humanas geraram os ciclos do desenvolvimento do Planalto Norte Catarinense, com determinantes que se estabeleceram pela “[...] história dos ciclos do desenvolvimento do capitalismo [...] e ciclos de urbanização, formação de núcleos urbanos, recriação de cidades, vilas, povoados, entrepostos, centrais comerciais, financeiros, urbano-industriais e outros” (IANNI, 1997, p 71).

A colonização e o desenvolvimento do território do Planalto Norte Catarinense é uma realidade que tem sua cultura formada pelos sujeitos que se instalaram nessa área, provenientes de diferentes destinos e movidos por diferentes interesses. Entende-se que uma “[...] realidade social é entendida como um conjunto ou totalidade de estruturas autônomas, que se influenciam reciprocamente” (KOSIK, 1976, p. 52).

Como organismo vivo, o Planalto Norte Catarinense se organizou pelo que nele foi se produzindo, seja em termos econômicos, sociais, políticos e culturais. Sua colonização se deu interessada na exploração das riquezas naturais, empenhada em perseguir o desenvolvimento econômico.

⁴ Dentre os diversos aspectos destacaram-se três que subsidiarão a reflexão. Os demais se referem ao movimento de imigração que colonizou o sul do Brasil, a tomada das terras dos índios, o caminho das tropas, entre outros.



A fertilidade do solo e a abundância de árvores como potencialidade econômica, atraiu (i)migrantes⁵ europeus; além de (i)migrantes de países de outros continentes: Estados Unidos, Japão, Síria, Líbano e de outros estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. Em particular, chegam a Canoinhas, italianos e alemães, e, a Itaiópolis, poloneses e ucranianos. Os portugueses e espanhóis já se encontravam no Brasil há mais tempo, desde quando houve a disputa por este território⁶. Também, chegam os sírios e libaneses. Estes (i)migrantes trouxeram suas particulares culturais e, pelo processo de socialização, formaram um território de certa mestiçagem cultural que perfila na atualidade do Planalto Norte Catarinense.

A riqueza em variedade e quantidade de florestas naturais oportunizou o desdobramento no processo produtivo e a geração de dois tipos de mercadorias: madeira serrada para construções e erva-mate para consumo em chimarrão e chá. Ambas as atividades baseadas no extrativismo, instalaram a industrialização no território. Este processo produtivo contribuiu para a fixação dos colonizadores em comunidades que foram se formando próximas às indústrias. Além dos donos dos meios de produção, trabalhadores assalariados também foram importantes na formação socioeconômica e cultural do Planalto Norte Catarinense.

As condições tecnológicas de transporte (rota dos tropeiros pela qual se transportavam mercadorias entre o Rio Grande do Sul e São Paulo) e produção existentes, que ofereciam apoio estratégico aos viajantes da época (final do século XIX e início do século XX), geraram um cenário característico no qual as madeiras e equipamentos para transformar a erva-mate foram predominantes para a urbanização (hoje, municípios de expressão no território) do Planalto Norte Catarinense envolvido com o episódio do Contestado. Essa realidade foi construída não sem eventos e fatores, encadeados e recíprocos, com ritmos que permitem, atualmente, presumir uma identidade sociocultural fortalecida na influência econômica.

Em outro aspecto, o movimento dos antepassados, baseado em valores e crenças, no espírito de conquista, de proteção e resistência à exploração, desencadeou o movimento do Contestado⁷. Tratou-se de luta sangrenta para preservar o território e sua cultura da interferência dos imigrantes e invasores das terras que já eram habitadas.

A disputa pelos limites entre Paraná e Santa Catarina, o messianismo dos monges, a luta contra a presença dos capitalistas, e pela expulsão dos índios que ainda viviam no

⁵ Os açorianos colonizaram o litoral catarinense e deixaram marcas fortes na linguagem, nomes, alimentação, rituais e festividades. Os alemães e italianos formaram colônias que são expressivos potenciais econômicos de Santa Catarina (Joinville, Blumenau, São Bento do Sul). Videira e Nova Trento são pólos produtivos e culturais com características italianas.

⁶ De acordo com Vicentino e Dorigo (2001, p. 220 a 241), com o Tratado de Tordesilhas, há divisão do território brasileiro entre os portugueses e espanhóis, mas estes aportam no Brasil desde o início de sua colonização pelos portugueses. Também franceses, ingleses e holandeses entraram no Brasil, mas ficaram mais no Nordeste (atual).

⁷ Neste texto aponta-se apenas breves aspectos do conflito do contestado, sem detalhamento historiográfico. O assunto pode ser aprofundado na leitura de autores como: CABRAL (1979), TOKARSKI (s/d), THOMÉ (1981 e 2004), AURAS (1995), QUEIROZ (1981), MAFRA (2008).



território, envolveu, neste processo, militares, proprietários, trabalhadores, empresários e políticos, além dos índios e caboclos.

Esse episódio que durou cerca de quatro anos (1912 a 1916) é referenciado por diferentes denominações: movimento, guerra, campanha. Independente da sua nomenclatura, seu resultado foi desastroso para os trabalhadores e pequenos proprietários. Mas, foi importante para a religiosidade que inseriu a imagem dos monges (João Maria de Agostini, João Maria de Jesus, José Maria). Atualmente, se encontram figuras desses monges ao lado de outros santos em casas de moradores.

Este conflito é citado entre os movimentos sociais importantes que movimentou dinheiro, militares e atingiu um território com cerca de 60 municípios nos dois estados.

Com o término dos confrontos pela assinatura do acordo dos limites entre Paraná e Santa Catarina, a rotina no território do conflito restabeleceu-se e os seus marcos foram desaparecendo. Aos poucos com o desenvolvimento das comunidades, esse conflito foi relegado em segundo plano. A produção da vida coletiva e a dinâmica dessa coletividade se preocupou mais com a exploração dos recursos naturais, para oferecê-los como mercadorias, que pudessem manter a vida produtiva e não os traços da manifestação dos contestadores.

Com o tempo e com as decisões políticas de seus moradores, este episódio histórico caiu no esquecimento. Recentemente e timidamente, foi desencadeada mobilização para a recuperação dos vestígios do conflito existentes, que pudessem evidenciar o território do Planalto Norte Catarinense, como espaço participante de uma história de lutas e confrontos. Foram nos últimos quinze anos, que a sociedade local-regional começa a se empenhar no resgate das simbologias históricas do contestado, capazes de representar seu patrimônio (i)material, necessários para retratar a identidade local-regional do Planalto Norte Catarinense, mais fiel aos fatos e acontecimentos que somados produzem um perfil identitário.

CULTURA(S) E IDENTIDADE(S)

A cultura “[...] é um estilo de vida próprio, um modo de vida particular, que todas as sociedades possuem e que caracteriza cada uma delas. Assim, os indivíduos que compartilham a mesma cultura apresentam o que se chama de identidade cultural” (OLIVEIRA, 2000, p. 135). Refere-se à artificialidade da vida humana (ARENDR, 1999). Se traduz no modo de ser, produzir, consumir, fazer política, expressar-se na arquitetura, na rotina cotidiana, nos rituais que preserva e que se pratica em uma sociedade, os quais permitem reconhecer quem habita certo recorte territorial, pela sua identidade.

No passado, o mundo era constituído de realidades dos pequenos grupos, das comunidades com identidades identificáveis, com diferenças culturais explícitas, fáceis de referência. Atualmente, sobram poucas etnias puras, idiomas passam a ser universais para facilitar a comunicação, ritos e mitos são expostos instantânea e



simultaneamente ao seu acontecimento e assimilados entre os povos dos diversos continentes.

Nas sociedades ocidentais, a cultura, expressada pelos valores humano-sociais e econômicos, é influenciada há mais tempo pelo capitalismo, para o qual importa o capital. Por outro lado, atualmente se dá destaque a valores sociais que intercedem sobre a dignidade humana, renovando os valores culturais em termos de posicionamento humano na sociedade. Estes valores negam a submissão, a subalternidade e exclusão. Incentivam a participação social e política na construção de novos valores sociais, entre os quais do respeito à cultura que caracteriza um espaço territorial.

Neste sentido, para se conhecer e destacar a identidade de uma sociedade, em princípio leva-se em consideração os seus elementos culturais mais expressivos. É necessário o reconhecimento das experiências de vida dos sujeitos e o significado delas para eles. Também, devem ser percebidas para além das expressões folclóricas, artesanais e organizacionais dos sujeitos, apenas como representações identitárias de uma cultura.

Com isso, ressalta-se a importância da cultura regional, que vista sob a ótica da dinâmica cultural, não é uma manifestação estática, apenas traduzida por padrões tradicionais, mas sobre transformações para sobreviver diante das mudanças econômicas e sociais, só mantendo o que possibilita relações de significações como a concretude da realidade. (JACKS, 1998, p. 128).

Isto vem sendo sobreposto, pois o mundo contemporâneo, mundo da globalização econômica e da mundialização⁸, se tornou o mundo do grande mercado, destruindo fronteiras, limites. Sem pretensão de tornar o mundo mais coletivo, interessa abrir os espaços para a entrada e concentração do capital, que mudou e transformou o mundo do trabalho, da esfera do Estado e do campo da cultura.

Esse reconhecimento expressa que a cultura que existe e persiste em suas manifestações reproduzidas entre as gerações, com o advento da globalização econômica, se transmuta e se mestija.

Neste processo, se promoveu realidades sociais sobre as quais, para se definir sua identidade sociocultural, é preciso reconstruir as suas trajetórias, levando-se em consideração que o “homem é o protagonista da história e, ao mesmo tempo, a história urde o seu elemento constitutivo. Os homens fazem a história, mas agindo assim, fazem-na a eles próprios, tornam-se os artesãos deles mesmos” (GRISONI e MAGGIONI, 1974, p 282). Desse modo, em cada território que os sujeitos passam a habitar, presume-se, que outras influências são adquiridas, efetivamente miscigenando seus valores e rituais. Nessa perspectiva, há eventos e fatos que são marcantes para cultura e outros apenas a perpassam.

⁸A mundialização (há os que chamam de globalização), se constitui de processo gestor das alterações culturais, juntamente ao processo de reestruturação capitalista, cria uma profusão de referenciais, os quais, muitas vezes tolgem a criatividade e a autonomia dos sujeitos que pode estar impedindo a retenção do desenfreado mecanismo de pauperização que se torna mundializado.



Os agrupamentos sociais de heterogenia cultural são campos de múltiplas contradições, diversidades e discursos plurais, nos quais se opera a lógica do conflito, mas também da cooperação e da solidariedade, que permeiam as realidades sociais. A identidade é uma permanente construção/reconstrução política, mas também social, que pressupõe um movimento crítico do real, na busca do elemento analítico entre a identidade pessoal e a coletiva. “A identidade pessoal é um sistema de múltiplas identidades e encontra a sua riqueza na organização dinâmica dessa diversidade” (MOITA, 1992, p. 115).

Uma identidade, então, se refere ao elo entre o objetivo e o subjetivo (o eu e os outros, entre o social e o pessoal) e deveria articular dinamicamente as diferenças determinantes que interferem e interagem na vida dos sujeitos e deles para com sua realidade social. São, nas realidades sociais, vivendo o seu cotidiano, que se descarta ou se absorve o que aparece em termos de contribuição econômica, política ou cultural, para se perfilar uma identidade. No entanto, a sabedoria popular nem sempre aceita de imediato o estranho, as novas formas de mercado, do processo produtivo, da “cultuação” religiosa, das formas de relações sociais praticadas, especialmente quando é colocado em revisão seu sentimento de pertencimento. São dilemas para quem vive e dilemas para quem estuda as realidades sociais, pois isto constitui expressões identitárias (in)visíveis.

IDENTIDADE (IN)VISÍVEL

No Planalto Norte Catarinense não há uma etnia ou grupo de (i)migrantes predominante. Mas há grupos formados por ucranianos em Porto União; árabes em Três Barras; poloneses, alemães e italianos em Canoinhas; poloneses e ucranianos em Itaiópolis. Somados aos (i)migrantes, encontram-se os nativos: índios e negros.

Os grupos desenraizados de seus locais de origem, pelas circunstâncias econômicas, políticas, religiosas ou mesmo geográficas, formaram as comunidades relativamente numerosas no contexto em estudo, mesmo prevendo que sua cultura (idioma, gastronomia, regras da vida, crenças-valores, modos de produzir) não fosse mantida.

Era a identidade que refletia nações, limites, coisas do passado. No presente, suas representações são de uma sociedade industrial, da colonização, da urbanização, das forças dos mercados consumidores. Nessa perspectiva, tem-se como hipótese que, na identidade cultural possível do Planalto Norte Catarinense, se preservou o uso dos recursos naturais da terra, da caça e pesca, exploração da madeira e a erva-mate. Há crenças, os rituais carregam fortes traços místicos, mas esqueceu do espírito contestatório que estimulou um conflito pelos direitos à terra dos trabalhadores.

Entende-se, por fim, que uma cultura caracterizada pelas contradições construídas historicamente, a presença da igualdade e da diferença, do destaque a um viés hegemônico da produção e do desenvolvimento econômico, não acarreta isolamento de grupos, mas os faz diferentes quando há outros elementos culturais inseridos na sua cultura.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto do Planalto Norte Catarinense, apesar das pesquisas e publicações existentes, é um território com representações da sua realidade identitária ainda a serem desveladas (BRANDÃO, 2010)⁹. Por sua vez, a Universidade do Contestado, instituição de ensino, pesquisa e extensão, compromissada com o desenvolvimento regional e com a valorização da população que habita o Planalto Norte Catarinense, tem como desafio contínuo contribuir para o debate e análises que forneçam elementos científicos da sua identidade. “O debate sobre as opções do desenvolvimento exige hoje uma reflexão prévia sobre a cultura brasileira” (FURTADO, 1984, p.31).

Para conhecer uma realidade e nela sua identidade, a qual, ao mesmo tempo, mantém e transforma seu sentimento de pertencimento, é preciso desvelar os interferentes provenientes da miscigenação étnica, religiosa, filosófica e ideológica e os reflexos da globalização do mundo atual, que dão um traço plural à identidade. Em especial, sobre o recorte territorial em estudo será preciso investigar que influência efetivamente há na sua identidade sociocultural.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Eduardo José. *Guerras e revoluções brasileiras – O Contestado*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- ARENDETT, Hannah. *Condição humana*. 9 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 4 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.
- CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- FURTADO, Celso. *Cultura e desenvolvimento em época de crise*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- GRISONI, Dominique; MAGGIONI, Robert. *Ler Gramsci*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1974.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

Abstract: *The present work reflects on the (in)visible identity of the North Plateau of Santa Catarina, if they are originated in the moment of the colonization or in the Contestado movement. For the development of this reflection, I will use the work of local writers, as well the knowledge and the research of 14 years of observations on this territory. A culture, characterized by contradictions historically constructed, makes groups different when there are other cultural elements in their culture. To know a reality and its identity, that maintains and changes the feeling of belonging, it is necessary to reveal the interfering originated in the miscegenation (ethnic, religious, philosophical and ideological) that gives a plural characteristic to identity. That's why, on Contestado identity is more obvious the traces from the colonization process before Contestado war.*

Palavras-chave: *Sociocultural identity; Contestado.*

⁹ Carlos Brandão, em palestra proferida em 04/02/2010, sobre desenvolvimento regional.